

**O ESPELHO DE RITA, O ESPELHO DE ANA:
IDENTIDADE NEGRA EM AZEVEDO E EM EVARISTO**

Girlane Santos da Silva (UNEB)

girlsan@hotmail.com

Thiago Martins Prado (UNEB)

tprado@uneb.br

RESUMO

Neste artigo, busca-se compreender como a literatura brasileira, em vários momentos, contribuiu para fixar, no imaginário coletivo brasileiro, estereótipos negativos da mulher negra e do homem negro bem como, na atualidade, a *escrevivência* de Conceição Evaristo tem redimensionado a representação dos corpos negros na literatura. Para tanto, discorre-se aqui sobre como, em consonância com o desejo da elite brasileira de constituir uma nação branqueada, a literatura tradicional representou identidades negras de forma negativa a fim de legitimar a condição hegemônica da população branca brasileira. Através da análise de personagens negras do romance “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo, e do conto “Ana Davenga”, de Conceição Evaristo, estabeleceu-se um contraste entre tais representações. As análises são embasadas em textos de teóricos como Joel Zito Araújo (2000) e Paulina L. Alberto (2017), sustentando a abordagem sobre racismo científico, ideal de branqueamento e mito da democracia racial, Isabella Nunes Rosado (2020) e a própria Conceição Evaristo, no que diz respeito às discussões sobre *escrevivência*.

Palavras-chave:

Escrevivência. Literatura. Mulher negra

ABSTRACT

In this work, we seek to understand how Brazilian literature, at several moments, contributed to build, negative stereotypes of black women and black men in the Brazilian collective imaginary, and as, in the contemporaneity, Conceição Evaristo's concept of *escrevivência* has resized the representation of black bodies in literature. Based on the longing of the Brazilian elite to constitute a whitened nation, we comment on how traditional literature represented black identities in a negative way, legitimizing the hegemonic condition of the white population. Through the analysis of black characters from the novel “O Cortiço”, by Aluísio Azevedo, and the short story Ana Davenga, by Conceição Evaristo, a contrast was established between these representations. The analyses are based on texts by theorists such as Joel Zito Araújo (2000) and Paulina L. Alberto (2017), discussing the themes of scientific racism, ideal of bleaching and myth of racial democracy, Isabella Nunes Rosado (2020) and Conceição Evaristo, addressing the concept of *escrevivência*.

Keywords

Escrevivência. Literature. Black Woman

1. Introdução

Representação é atribuição de sentidos que o sujeito elabora para si e para o *Outro* em sociedade. Deste modo, através de movimentos de aproximação e distanciamento, grupos sociais, constituídos a partir do binarismo igual/diferente, instituem um jogo em que identidades são forjadas, ora para serem atribuídas, ora autoatribuídas, dependendo dos interesses que os movem. Seguindo uma postura etnocêntrica, há sempre um grupo que se constrói enquanto portador de atributos biológicos e culturais superiores, em detrimento de outros a quem, obviamente, vai desqualificar, inferiorizar e diminuir, com o intuito de legitimar-se hegemônico e, assim, angariar vantagens socioeconômicas.

O Brasil, enquanto sociedade multicultural, tem a hegemonia étnica e racial atrelada ao padrão eurocêntrico, onde brancos forjaram para indígenas e, sobretudo, para afro-brasileiros, identidades pautadas em estereótipos negativos. O sujeito que carrega o ideal de identidade hegemônica é “o homem, branco, heterossexual, cristão”, de acordo com as ensaístas Viviane Fernandes e Maria Cecília de Souza (2016, p. 104). É sabido que a população brasileira se formou a partir do contato étnico entre o branco europeu, o nativo ameríndio e os vários povos africanos que para aqui foram trazidos. Com o fim da escravização de africanos e o advento da República, a elite brasileira passou a se empenhar em constituir uma identidade nacional, mas, para isso, não desejava contar com a participação de afro-brasileiros. A crença corrente no senso comum e que, inclusive, sempre foi utilizada para justificar a escravização e toda a violência que vem em seu bojo, era de que pessoas negras seriam intelectual e moralmente inferiores. O racismo científico oitocentista, impulsionado por estudiosos como o médico Raymundo Nina Rodrigues, legitimava esse pensamento e atribuía novas nuances às violências impostas aos negros. O que a elite brasileira desejava era branquear a nação e, para esse fim, incentivou a imigração e o cruzamento do mestiço brasileiro com o branco europeu. Estava estabelecido, então, o *Ideal (ou a política) de branqueamento*, em que se entendia que, quanto mais distanciada de características físicas e culturais africanas fosse uma pessoa, mais adequada ela seria para o Brasil e seu desenvolvimento. No texto “Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra”, Márcia Cristina Pinto e Ricardo Franklin Ferreira (2014, p. 259) alertam para o fato de que “a ideologia de que a mestiçagem poderia ser uma forma de melhorar a descendência étnica do povo brasileiro auxiliou a construir (...) o *mito da democracia racial*”. Desse modo, a elite conseguiu fazer com que os brasileiros, inclusive os negros, acreditassem que todos tinham

oportunidades iguais, mesmo diante das evidentes desvantagens sociais que sempre permearam a vida dos afro-brasileiros.

A Literatura, enquanto elaboração de linguagem, tem sido utilizada para a construção de discursos que são fundamentais para fixar no imaginário coletivo a suposta superioridade do sujeito que se nomeia padrão e, ao mesmo tempo, forjar identidades negativas através da construção de corpos negros ficcionais descritos como indolentes, hipersexualizados, de força física brutal e animalesca, idiotizados, estúpidos. Nesse contexto das representações literárias, a mulher negra é elemento mais atingido pelo forjamento de identidades inferiorizadas, sendo representada, em contraste com a mulher branca, como ideal para o sexo socialmente ilícito e insaciável, ao qual os homens mais honrados são incapazes de resistir e, portanto, inadequada para o casamento e para a maternidade.

Neste trabalho, discorre-se sobre as relações identitárias na sociedade brasileira e suas representações na literatura. Utilizam-se aqui trechos do romance naturalista “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo, estabelecendo-se contrapontos com o conto “Ana Davenga”, de Conceição Evaristo, com o intuito de ilustrar como o fazer literário desta autora, o qual ela intitula de *escrivência*, distancia-se de estereótipos negativos forjados para o sujeito negro pela elite branca e ressignifica o corpo negro na literatura brasileira.

2. A Literatura e a construção dos corpos negros

A literatura, ao longo da história da humanidade, tem sido um terreno onde as discussões e os tensionamentos sociais se estabelecem pois, se “todo homem é filho de seu tempo”, todo texto também o é. É filho de seu tempo e é filho de seu espaço. Por esse motivo, literatura e sociedade são indissociáveis, pois nenhuma produção textual pode passar ao largo do contexto em que está inserida. Em todas as sociedades, as histórias contadas costumam representar não só tempo e espaço vividos, mas também os povos, os costumes, as culturas e, conseqüentemente, os interesses de quem as produz. A literatura brasileira, por sua vez, nasce com a elaboração das crônicas de viagens que davam a Portugal notícias da terra recém-conquistada. Desse modo, sabe-se que seu molde inicial era europeu e que assim permaneceu, exclusivamente, por muito tempo, atendendo aos ideais de sociedade que interessavam à coroa portuguesa. So-

bre isso, cabe a ressalva do escritor, poeta e intelectual negro, Luiz Silva Cuti de que

No Brasil, durante os quatro primeiros séculos, escritores ficaram à mercê das letras lusas. O domínio político e econômico também se refletia no domínio cultural, incluindo a literatura. A crítica obedecia aos pressupostos de escrever para a metrópole e por esse viés valorizava ou desqualificava as obras. (CUTI, 2010, p. 15)

Tomando-se como ponto de partida a literatura produzida na primeira metade do século XIX, período do Romantismo brasileiro, percebe-se um fazer literário que, ao mesmo tempo em que enalteceu e heroizou o branco e os costumes europeus, reinventou o indígena e apagou o negro em sua humanidade. O Brasil representado na literatura foi, por muito tempo, apenas o Brasil que era interessante registrar. O texto literário, na maioria das vezes produzido pelo homem branco, via de regra, falava – como ainda acontece nos dias atuais – a partir de um ponto de vista brancoêntrico pois, mesmo quando pretendia denunciar injustiças praticadas em nome da escravização de africanos, o fazia atribuindo ao branco o *status* de herói redentor. Sobre esse caráter da literatura produzida no Brasil, no ensaio *Literatura e Identidade Nacional*, a pesquisadora Zilá Bernd, afirma que

Uma literatura que se atribui a missão de articular o projeto nacional, de fazer emergir os mitos fundadores de uma comunidade e de recuperar sua memória coletiva, passa a exercer somente a função *sacralizante*, unificadora, tendendo ao *mesmo*, ao monolingüismo, ou seja, à construção de uma identidade do tipo etnocêntrico, que circunscribe a realidade a um único quadro de referências. (BERND, 2003, p.19)

Enquanto no final do século XIX, estudiosos buscavam comprovar cientificamente a suposta supremacia da raça branca sobre as demais, a literatura ficcional produzida no Brasil refletia e legitimava esse pensamento da elite. As ideias que povoavam o imaginário coletivo a respeito dos afro-brasileiros eram representadas em personagens construídos a partir das características negativas que lhes eram atribuídas pela classe dominante. A partir de meados desse século, as produções literárias apoiaram-se em teorias que buscavam biologizar o racismo e, desse modo, as obras desse período a que se convencionou chamar Naturalismo corroboraram para a fixação dessas teorias no ideário nacional. O romance “O Cortiço”, do escritor Aluísio Azevedo, é exemplo emblemático dessa vertente social e literária em que, em harmonia com os estereótipos pregados pela elite à época, o europeu é descrito como trabalhador, disciplinado, honesto, propenso ao crescimento econômico, ou seja, aquele que possuía o perfil de desenvolvimento por que a elite ansiava para a nação.

O mestiço, por sua vez, satisfaz à caracterização já mencionada acima, sendo descrito como pouco dado ao trabalho, afeiçoado a festas, à vadiagem, à bebida, à jogatina e a relacionamentos com várias mulheres sem, no entanto, firmar casamento com nenhuma delas. É importante destacar aqui como o personagem Firmo, um mestiço, trecho a trecho, vai sendo confeccionado, conforme o molde identitário que elite desenhou para o homem afro-brasileiro. No excerto que se segue, tais descrições são flagrantes:

Firmo, o atual amante de Rita Baiana, era ummulato pachola, delgado de corpo e ágil como um cabrito; capadócio de marca, pernóstico, só de maçadas, e todo ele se quebrando nos seus movimentos de capoeira. [...] Era oficial de torneiro, oficial perito e vadio; ganhava uma semana para gastar num dia; às vezes, porém, os dados ou a roleta multiplicavam-lhe o dinheiro, e então ele fazia como naqueles últimos três meses: afogava-se numa boa pândega com a Rita Baiana. A Rita ou outra. (AZEVEDO, 1995, p. 77)

Firmo é, portanto, caracterizado como um homem de compleição física pouco atlética, valendo-se de uma agilidade adquirida, provavelmente, com a prática da capoeira, luta de origem africana, estigmatizada e, por muito tempo, considerada criminosa. Atributos animais são, recorrentemente, utilizados para descrevê-lo, o que configura-se na desumanização do mestiço. Na trama de “O Cortiço”, são elaboradas ilustrações do sujeito negro que dão conta de fixar no senso comum a ideia de que, quanto mais próxima da branquitude e de seus costumes uma pessoa se encontrasse, mais predestinada ao sucesso ela estaria. A exemplo disso, tem-se o português João Romão que, para ascender socialmente, deseja se afastar dos costumes dos mestiços brasileiros e de Bertoleza, a mulher negra com quem convivia e mantinha uma relação de exploração. Já o português Jerônimo, uma vez que caído de amores pela mestiça Rita Baiana, troca o chá pelo café brasileiro, o hábito de trabalhar duro pelo ócio, o pacífico e organizado casamento com Piedade pela agitação festiva da vida ao lado da mestiça Rita Baiana e, nas palavras de Renato Ortiz (2003, p. 39), “torna-se dengoso, preguiçoso, amigo das extravagâncias, sem espírito de luta, de economia e de ordem”.

No que diz de respeito à representação da mulher negra em “O Cortiço”, Bertoleza é privada de qualquer atributo de beleza ou sedução. Seu corpo negro é descrito ora como se fosse uma coisa feita para trabalho incessante, ora como um animal de carga sujo e asqueroso. Durante anos, João Romão a usa para tocar seu negócio e para sua satisfação sexual. Bertoleza é personagem totalmente destituída de humanidade, tendo sua existência atrelada ao comerciante João Romão, que a explora de

todas as formas até decidir livrar-se dela para casar-se com uma moça branca:

Bertoleza representava agora ao lado de João Romão o papel tríplice de caixeiro, de criada e de amante. Mourejava a valer, mas de cara alegre; às quatro da madrugada estava já na faina de todos os dias, aviando o café para os fregueses e depois preparando o almoço para os trabalhadores de uma pedreira que havia para além de um grande capinzal aos fundos da venda. Varria a casa, cozinhava, vendia ao balcão na taverna, quando o amigo andava ocupado lá por fora; fazia a sua quitanda durante o dia no intervalo de outros serviços, e à noite passava-se para a porta da venda, e, defronte de um fogareiro de barro, fritava fígado e frigia sardinhas, que Romão ia pela manhã, em mangas de camisa, de tamancos e sem meias, comprar à praia do Peixe. E o demônio da mulher ainda encontrava tempo para lavar e consertar, além da sua, a roupa do seu homem, que esta, valha a verdade, não era tanta e nunca passava em todo o mês de alguns pares de calças de zuarte e outras tantas camisas de riscado. (AZEVEDO, 1995, p. 16)

Guardadas algumas diferenças com relação à representação da mulher negra Bertoleza, a mestiça Rita Baiana também é construída a partir de estereótipos identitários negativos. A eventual companheira de Firmo, enquanto mestiça, é descrita como uma mulher de comportamento distanciado do padrão moral da época. Rita Baiana é o corpo que a mestiçagem gerou indolente, avesso aos compromissos, sensual ao extremo e responsável por fazer os homens perderem-se, inclusive os de boa conduta moral. Fruto da mistura entre branco e negro, ao contrário de Bertoleza, é bonita e sedutora, carregando um corpo hipersexualizado, capaz de desvirtuar os homens e desestruturar famílias. Bertoleza é animalizada e coisificada muito mais na perspectiva de um ser grotesco e brutal. Rita Baiana, devido à sua hibridez, já é descrita como bonita e sedutora, mas também constantemente comparada a animais e, em especial, a cobras que, ao inocular seu veneno, causam danos a suas vítimas:

A Rita Baiana essa noite estava de veia para a coisa; estava inspirada! divina! Nunca dançara com tanta graça e tamanha lubricidade! Também cantou. E cada verso que vinha da sua boca de mulata era um arrulhar choroso de pomba no cio. E o Firmo, bêbedo de volúpia, enroscava-se todo ao violão; e o violão e ele gemiam com o mesmo gosto, grunhindo, ganindo, miando, com todas as vozes de bichos sensuais, num desespero de luxúria que penetrava até ao tutano com línguas finíssimas de cobra. (AZEVEDO, 1995, p. 144)

Rita Baiana vive um relacionamento incerto com Firmo, embora esse a tenha como propriedade sua, chegando mesmo a agredi-la fisicamente, quando enciumado. Ela o teme e vive com ele uma relação cheia

de alto e baixos, términos e reatamentos. Sobre o sentimento da mestiça por Firmo o narrador diz que Rita

Amara-o a princípio por afinidade de temperamento, pela irresistível conexão do instinto luxurioso e canalha que predominava em ambos, depois continuou a estar com ele por hábito, por uma espécie de vício que amaldiçoamos sem poder largá-lo. (AZEVEDO, 1995, p. 203)

Em tese, o que uniu o casal de mestiços foram os defeitos morais que possuíam em comum. É importante salientar que Rita Baiana, ao contrário do que a maioria das mulheres da época desejavam, diz não querer casar-se, pois deseja ser livre e entende o casamento como cativoiro, conforme revela em diálogo com a amiga Leocádia:

– Casar? protestou a Rita. Nessa não cai a filha de meu pai! Casar? Livra! Para quê? Para arranjar cativoiro? Um marido é pior que o diabo; pensa logo que a gente é escrava! Nada! qual! Deus te livre! Não há como viver cada um senhor e dono do que é seu! (AZEVEDO, 1995, p. 72)

No decorrer da trama, Rita Baiana seduz o português Jerônimo e também é seduzida por ele. Em contraste com o mestiço Firmo, que era companheiro incerto, violento e lhe causava medo, o branco europeu revela-se para ela o herói que abre mão dos seus costumes, da família e dos projetos de ascensão social, findando por matar Firmo, a fim de poder estar com ela. O português, mesmo rebaixado moralmente por abraçear-se, ainda é descrito como superior a Firmo. O texto de Alúcio Azevedo deixa claro que, diferentemente da postura que tem com o mestiço, Rita Baiana permite-se cativar, prender-se por Jerônimo:

Ah! não se tinha enganado! Aquele homenzarrão hercúleo, de músculos de touro, era capaz de todas as meiguices do carinho. – Então? insistiu ele. – Sim, sim, meu cativoiro! respondeu a baiana, falando-lhe na boca; eu quero ir contigo; quero ser a tua mulata, o bem do teu coração! Tu és os meus feitiços! (AZEVEDO, 1995, p. 206)

O pensamento vigente na sociedade do final do século XIX era de que, quanto mais negra a pessoa, menos atributos físicos, intelectuais e de caráter ela possuía. Mestiças e mestiços, por sua impureza, ao passo em que colocavam a perder o elemento europeu com que se misturavam, poderiam melhorar a raça brasileira, através de uma prole branqueada. Desse modo, na representação literária de “O Cortiço”, mesmo com tórrida relação sexual com Firmo, Rita Baiana não tinha filhos, construção muito comum de corpos negros na literatura brasileira, em que narrativas esterilizam os ventres que poderiam aumentar a população de pretos no país. Afinal, no que toca ao período em que essa obra foi escrita, o que

governo e a elite desejavam era a expressiva reprodução da mestiçagem com a branquitude. Sobre isso, Araújo coloca que

De fato, o governo brasileiro incentivou e até mesmo financiou campanhas na Europa pela vinda maciça de trabalhadores do campo e da cidade das regiões ibéricas e anglo-saxônicas, e criou mecanismos de bloqueio para evitar a expansão da miscigenação dos negros e índios brasileiros com migrantes oriundos de países não-brancos. (ARAÚJO, 2000, p. 27)

Em “O Cortiço”, portanto, está refletido o desejo da elite branca oitocentista brasileira que ansiava por executar um projeto de nação de acordo com os moldes europeus: moderna, desenvolvida e branqueada.

Enquanto representa o que é ser negro na literatura, o escritor branco impede que o próprio sujeito negro elabore suas autorrepresentações e, desse modo, silencia sua voz. Sobre essa manobra de ocultação das vozes subalternizadas, Francisco Noa (2009) reflete sobre a capacidade que a literatura tem de ocultar e também de desocultar discursos num constante jogo de poder, manipulando falas e criando mundos. Mas, segundo o próprio Noa (2009, p. 91), “(...) é preciso reconhecer na desocultação que, para além da verdade que ela clareia ou revela, há, sobretudo, um processo de restituição de linguagens, de vozes e de falas reprimidas ou omissas”, pois diante da ocultação, o sujeito apagado reivindica a restituição de sua voz, de sua fala, de seu poder de enunciação.

No decorrer dos anos, negras e negros têm buscado formas de desocultação de suas falas e autorrepresentação na literatura. Nesse contexto, a literatura negra surge para reivindicar e restituir vozes ocultadas. Consciente do quanto a literatura produzida pelo sujeito branco atende a seus interesses, Conceição Evaristo, enquanto mulher negra, ativista antirracismo, feminista, teórica, escritora e poeta, produz uma literatura que vem abrindo caminho para que pessoas negras possam construir suas próprias representações literárias. Sob o que ela mesma denomina *escrevivência*, que consiste em um fazer literário que parte da escuta e da observação de vivências várias, a escritora mineira busca dar voz e representatividade a homens negros e, sobretudo, a mulheres negras. Numa definição simples e direta, *escrevivência* seria escrever a vivência mas, com o tempo, passou a definir a escrita que desoculta vozes silenciadas e restitui lugares de fala usurpados. Em entrevista concedida a Isabella Rosado Nunes (2020), Evaristo declara que há uma cumplicidade no seu ato de escrita, pois nele o sujeito que narra e escreve, ao mesmo tempo em que fala de si e de sua história, também fala da história do outro que pertence à sua coletividade. E, de fato, a escrita dessa autora sempre esteve comprometida em representar o que está implicado em ser uma pessoa

negra, numa sociedade estruturalmente racista. O fato de ter estado engajada na luta dos movimentos negros, a exemplo de seu ativismo no IPCN⁹⁶, foi de extrema relevância para que ela se constituísse enquanto uma escritora que se propõe a realizar uma literatura concatenada às causas da negritude sem, com isso, ser menos poética. Em entrevista concedida a Guilherme Padin para o site R7, Evaristo declara:

A minha formação se deve à teorização sobre as questões negras, é devoradora do movimento negro. Esse movimento negro unificado contaminou ainda outros espaços para além do espaço da militância formal, como em escolas de samba se voltando a culturas afro, modelos, estética, cultura, cabelo... recebi essa influência, mas nunca fui liderança deste movimento. Minha atuação foi de militância. De liderança, não. (PADIN, 2019, [s./p.]

Em seu livro *Termos de Inclusão – Intelectuais negros brasileiros no século XX*, Paulina L. Alberto (2017) chama atenção para o fato de que as mulheres estavam presentes nas organizações negras desde o início do século, mas as lideranças eram sempre masculinas. Isso diz muito sobre como a mulher negra sofre a dupla discriminação de raça e gênero, que em muito intensifica as desvantagens sociais que as atingem. A formação literária de Conceição Evaristo, atravessada pelas organizações negras, certamente, colaborou para que sua escrita se realize, em diversos momentos, enquanto interseccional pois, na construção de suas personagens, essa autora não apenas denuncia e desconstrói os estereótipos nocivos forjados pela branquitude, como também restitui humanidade e voz que foram suprimidas em nome de raça, gênero e classe. Sobre isso, Ludmilla Lis declara:

A escrevivência, no terreno da escrita, é construção, é formulação, é recuperação da humanidade do sujeito negro construída muitas vezes de forma deturpada pela autoria branca, enquanto reinscreve esse sujeito afrodiaspórico numa narrativa que o contempla, representa e convoca. (LIS, 2020, p. 268)

Sendo assim, pode-se entender a literatura de Conceição Evaristo como uma escrita que representa grupos não hegemônicos, ao mesmo tempo em que se autorrepresenta, pois o elemento corpo negro feminino, ao tomar posse do que lhe fora negado no decorrer da história, é ressignificado. Quanto à representação do corpo da mulher negra, a própria Evaristo coloca que

⁹⁶ O Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN) foi criado em meados da década de 1970, por ativistas negros dissidentes do Centro de Estudos Afro-Asiáticos (Cea) que desejavam romper com esta organização e alcançar maior representatividade para as questões afro-brasileiras e não somente africanas, conforme defendia o Cea.

Sendo as mulheres negras invisibilizadas, não só pelas páginas da história oficial brasileira, mas também pela literatura, e quando se tornam objetos da segunda, na maioria das vezes, surgem ficcionalizadas a partir de estereótipos vários, para as escritoras negras cabem vários cuidados. Assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma autorrepresentação. Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. (EVARISTO, 2005, p. 6)

Destarte, a literatura evaristiana é repleta de corpos negros que se distanciam das forjas identitárias estabelecidas pela sociedade racista. São mulheres negras e homens negros escritos em vivências humanizadas e trilhando um caminho diferente daquele traçado na literatura hegemônica.

Em breve análise do conto “Ana Davenga”, presente na coletânea “Olhos d’água” (2016), pode-se perceber como as personagens negras na escrevivência evaristiana seguem caminho oposto ao das elaborações estereotipadas na literatura tradicional. O conto “Ana Davenga” traz a história de um homem negro e uma mulher negra que se apaixonam e passam a viver juntos no morro. Davenga vive do crime e é o chefe de seu bando, sendo seu barraco o quartel-general de suas atividades ilegais. Apesar disso, ele não admite a possibilidade de, caso seja capturado, conseguir viver numa cadeia e, no momento em que é surpreendido em uma operação policial, mesmo sabendo da pouca chance que tem de sobreviver, opta por reagir e é executado pela polícia juntamente com sua companheira Ana.

Devido à miséria e à falta de oportunidades, muitas vezes, a criminalidade invade as casas das famílias menos favorecidas que, não por acaso, são majoritariamente famílias negras, resultado do racismo que estrutura socioeconomicamente o país. Conceição Evaristo costuma abordar esse contato do homem e da mulher negra com atividades criminosas, porém sem fazer disso algo intrínseco à negritude, como tem ocorrido, tradicionalmente, na literatura hegemônica. No texto evaristianiano, o sujeito negro desafia o pensamento dicotômico que o define apenas como “bom” ou como “ruim”. No conto em questão, o personagem Davenga é um bom exemplo disso. Embora se trate de um homem que vive da criminalidade, essa sua condição, em nenhum momento, é colocada como intrínseca à sua condição de homem negro. Ao contrário disso, é possível ao leitor fazer do texto a inferência de que o fato de Davenga estar no crime tem relação com as desigualdades sociais que envolvem as vidas negras e periféricas.

Como é muito comum na ficção evaristiana, as tramas suscitam reflexões a respeito das relações de classe, raça e gênero. No que tange a esse último marcador social, gênero, a autora dá pistas de que Davenga carrega traços de uma personalidade formada a partir de uma ideia de masculinidade construída para ser violenta. Isso se confirma em alguns trechos do conto, a exemplo da cena em que Ana, angustiada, o procura apreensiva em meio a um grupo formado pelos seus comparsas e respectivas famílias. Enquanto conjectura onde estaria seu homem, Ana Davenga pensa:

Seria alguma brincadeira de Davenga? Ele estaria escondido por ali? Não! Davenga não era homem de tais modos! Ele até brincava, porém, só com os companheiros. Assim mesmo de uma brincadeira bruta. Socos, pontapés, safanões, “seus filhos da puta”... Mas parecia briga. Onde estava Davenga? (EVARISTO, 2016, p. 23)

Porém, esse mesmo homem embrutecido em seus modos e meio de vida, ao conhecer Ana em um samba, encantou-se com seu modo de dançar que lhe lembrava uma bailarina africana que ele vira em um filme de televisão, certa vez. Essa imagem trazida pela autora é um movimento de valorização do corpo negro, fazendo menção, inclusive, ao valor da origem e ancestralidade africanas.

Pelo contexto de vida, Davenga é um homem que, como muitos negros, moradores de periferias, provavelmente, não teve um acesso prolongando à educação formal. Contrariando, mais uma vez, a estereotipação da literatura tradicional que coloca o sujeito negro em um lugar de ignorância e estupidez, Davenga, chefe do grupo de bandidos ao qual pertence, é construído como um homem sagaz e que compreende a engrenagem sociopolítica da qual faz parte. Prova disso é sua fala irônica, enquanto assalta um deputado, ocasião em que demonstra consciência do jogo de poder político e das opressões de classe que o atingem:

– Pois é, doutor, a vida não tá fácil! Ainda bem que tem homem lá em cima como o senhor defendendo a gente, os pobres. – Era mentira. – Doutor, eu votei no senhor. – Era mentira também. – E não me arrependi. Veio visitar a família? Eu também tou indo ver a minha e quero levar uns presentinhos. Quero chegar bem-vestido, como o senhor. (EVARISTO, 2016, p. 24)

Mesmo quando aborda temas como a violência dos homens contra suas companheiras, a criminalidade e as desigualdades de classe, o texto de Evaristo não corrobora com estereotipações perversas que colocam todo homem negro em lugar que o imbeciliza, animaliza e transforma em agressores apenas ou estupradores em potencial. Davenga, a despeito das violências que comete, também ama, é terno, é inteligente, é humano.

Sobre isso, a própria Conceição Evaristo, em texto elaborado para o *Simpósio Escrivência: a escrita de nós*, esclarece:

Creio que é a humanidade das personagens. Construo personagens humanas ali, onde outros discursos literários negam, julgam, culpabilizam ou penalizam. Busco a humanidade do sujeito que pode estar com a arma na mão. Construo personagens que são humanas, pois creio que a humanidade é de pertença de cada sujeito. A potência e a impotência habitam a vida de cada pessoa. Os dramas existenciais nos perseguem e caminham com as personagens que crio. (EVARISTO, 2020, p. 31)

Se a literatura evaristiana, em prosa e em poesia, vem construindo o homem negro de forma positiva, com a mulher negra não é diferente. A representação da mulher negra na escrivência também se elabora à medida em que quebra paradigmas negativos. No conto, a protagonista Ana conhece Davenga em um samba e segue com ele para seu barraco no morro. Nesse mesmo primeiro dia, ela toma a decisão de passar a morar com ele e adotar para ela seu nome:

Desde aquele dia Ana ficou para sempre no barraco e na vida de Davenga [...] resolveu adotar o nome dele. Resolveu então que a partir daquele momento se chamaria Ana Davenga. Ela queria a marca do homem dela no seu corpo e no seu nome. (EVARISTO, 2016, p. 26-7)

Ao contrário do que ocorre em “O Cortiço”, obra com a qual se faz o contraponto a respeito da construção dos corpos negros aqui, em “Ana Davenga”, tem-se um casal formado por duas pessoas negras que se atraem sexualmente, se escolhem e resolvem viver juntas. Ambas são descritas como bonitas e sensuais, sem que seus corpos sejam hipersexualizados. Conforme mencionado anteriormente, a literatura brasileira tem elaborado personagens negras, homens e mulheres que, embora com vida sexual livre e ativa, não se reproduzem, em uma clara figuração do desejo da elite de que corpos negros não mais gerem corpos negros. No texto evaristiano, negras e negros fecundam-se. Ana Davenga, por exemplo, morre grávida. Na trama, a protagonista nem ao menos teve tempo de contar para o companheiro que ele iria ser pai. Mas isso se dá, claramente, num movimento de denúncia sobre a fragilidade da vida nas favelas e, em especial, da vida das crianças. No trecho que se segue, há uma reflexão a respeito das poucas possibilidades encontradas pelas crianças que nascem em comunidades empobrecidas e, majoritariamente, habitadas por pessoas negras, no Brasil. É possível refletir também sobre como essas infâncias são encurtadas pelas demandas da vida adulta, que convocam desde muito cedo, seus meninos e meninas para a realidade da falta, da fome, da miséria, da desigualdade e, muitas vezes, do crime como alternativa possível de sobrevivência.

As crianças, havia umas que de longe ou às vezes de perto, acompanhavam as façanhas dos pais. Algumas seguiriam pelas mesmas trilhas. Outras, quem sabe, traçariam caminhos diferentes. E o filho dela com Davenga, que caminho faria? Ah, isto pertence ao futuro. Só que o futuro ali chegava rápido. O tempo de crescer era breve. O de matar ou morrer chegava breve, também. (EVARISTO, 2016, p. 29)

A classe hegemônica sempre buscou figurar sua forma de pensar a negra e o negro na literatura, fixando identidades elaboradas no imaginário coletivo e inculcando, até mesmo na cabeça da própria negritude, que ela é inferior. É neste sentido que a escrita extremamente poética, embora engajada de Evaristo, rasga a trama ordinária e confecciona um novo e verossímil corpo negro na ficção brasileira, consolidando o lugar de fala da mulher negra e do homem negro em sociedade. Em entrevista a Leonardo Cazes, de O Globo, a autora declara:

Eu sempre tenho dito que a minha condição de mulher negra marca a minha escrita, de forma consciente inclusive. Faço opção por esses temas, por escrever dessa forma. Isso me marca como cidadã e me marca como escritora também. (CAZES, 2016)

Em primeiro momento, Ana é uma mulher livre que se diverte em um samba com amigas, até conhecer Davenga, por quem se apaixona. O texto assinala o homem negro que é tocado pela beleza e sensualidade de uma mulher também negra. Há reciprocidade entre eles. É importante lembrar que, à medida que o processo de branqueamento se deu, a branca consolidou-se como padrão ideal de mulher, o que, até hoje, faz com que muitos homens prefiram relacionar-se e formar família com essas mulheres. Conforme a filósofa e feminista negra Sueli Carneiro (2020, p.159), esse processo colocou a mulher negra num lugar de “antimusa da sociedade brasileira”, preterida tanto pelos homens brancos quanto pelos negros. A recorrente representação da união entre homens e mulheres negros/as na literatura de Evaristo pode ser lida como uma suscitação ao enfrentamento dessa face do racismo que estrutura a sociedade brasileira, influenciando, inclusive, a constituição das famílias. Ana e Davenga, enquanto sujeitos negros, se conhecem, se atraem e decidem viver juntos.

Toda a história do casal é contada em *flashbacks*, a partir do momento em que Ana está deitada, em casa, esperando Davenga chegar e ouve um barulho de samba. Ela vê os comparsas dele com os familiares, mas não vê Davenga, o que a coloca em um processo mental, envolto em sobresalto e mau presságio, para tentar descobrir onde estaria seu companheiro. Davenga, em um dado momento, surge no meio do grupo, fazendo uma surpresa, pois era aniversário de Ana. Sua primeira festa, aos

vinte e sete anos. A festa corre alegre noite adentro e, na madrugada, quando sozinhos, a polícia invade o barraco e mata o casal.

O conto reúne vários dramas que permeiam o cotidiano de muitas mulheres e homens nas comunidades empobrecidas do Brasil. São homens e mulheres que vivem do que o crime produz. São crianças que não têm perspectivas de futuro. São vidas que se encerram precocemente, em nome de uma violência que grita sua urgência a essas pessoas. No entanto, não há nesses textos a negação das diversas subjetividades que cada pessoa carrega, muito menos a negação de sua humanidade. A *escrevivência* de Conceição Evaristo existe e resiste enquanto literatura que desnuda as mazelas sociais impostas pelo racismo, configurando-se num grito que denuncia as injustiças, restitui lugar de fala e empodera pretas e pretos, ao passo em que são representados em suas páginas.

A escrita de Conceição Evaristo configura-se enquanto sensível e interseccional. Já desde muito nova, no contato com a oralidade das mulheres de sua família, ela descobriu que podia e precisava contar histórias de negras e negros, desocultando suas vozes. Sua *escrevivência* é, de fato, um ato de reapropriação das vozes negras silenciadas pela casa grande e usadas apenas quando lhe era conveniente. É a restituição do "corpo-voz", da oralidade ancestral. Sobre isso, Evaristo fala que

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. (EVARISTO, 2020, p. 30)

A literatura negra feminina, portanto, age como elemento que promove insurgência nas senzalas simbólicas em que insistem tentar conformar os corpos negros, ao passo em que faz barulhos à casa grande, não a deixando adormecer. Ao elaborar a autorrepresentação, também representa seus iguais, fazendo com que negras e negros recobrem seu "corpo-voz" e se apropriem dos signos escritos, confirmando sua própria fala quando declara para Nunes (2020, p. 11) "a nossa *escrevivência* não é pra adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos".

3. Considerações finais

A construção das identidades com intuito de legitimar a hegemonia de um dado grupo sobre outro (ou outros), enquanto tema já bastante abordado nos estudos das humanidades e linguagens, ainda merece ser revisitado, uma vez que, em todas as sociedades, sobretudo nas de constituição multicultural, os grupos subalternizados tendem a se insurgir contra aqueles que os dominam. A literatura, enquanto espaço privilegiado para forjar e conformar os sujeitos pertencentes às ditas minorias subalternizadas, é utilizada para legitimar estereótipos, mas também, num dado momento, configura-se enquanto espaço de resistência e luta, a fim de que estes grupos reivindiquem e recuperem a condição de sujeitos da própria história e cultura e possam representar sua identidade. Com a elaboração do conceito de *escrivência*, Conceição Evaristo acaba por contemplar toda a literatura que se insurge contra o histórico e violento silenciamento das vozes subalternizadas.

Ao se analisarem as representações de personagens negras e negros, mestiças e mestiços no romance “O Cortiço”, é possível constatar que tais representações coadunam-se com as identidades forjadas ao longo dos anos pela raça dita hegemônica, a fim de legitimar-se enquanto superior e justificar o poder exercido sobre os não brancos. A Literatura elaborada por quem detém o poder têm fixado no senso comum a ideia de que a suposta inferioridade dos não brancos, bem como a superioridade dos brancos lhes são intrínsecas, próprias, biológicas, naturais. As tentativas de biologização dessas ideias, atreladas ao mito criado de que, embora desiguais e injustas, as relações raciais no Brasil são harmoniosas, embotou os olhares e obstaculizou a luta dos subalternizados conscientes de sua condição.

Por outro lado, Literaturas insurgentes, a exemplo da *escrivência* negra feminina de Conceição Evaristo, têm reelaborado as representações identitárias do sujeito negro, através de personagens que, conscientes de seu valor, enquanto seres biológicos, sociais e culturais, requerem o lugar de fala e de escuta de negras e negros, estilizando o silenciamento imposto e reivindicando uma convivência social igualitária. São personagens que, distanciados da reificação e animalização históricas, surgem em dores, felicidades, desejos, sonhos, virtudes, defeitos, enfim, em plena condição de humanidade. Em “Ana Davenga”, Evaristo permite que existências reais possam se identificar na carne literária de personagens que vivenciam o amor, a sexualidade, a ternura, a festa, a dança, mas também a pobreza, a dor e a morte precoce que paira sobre as vidas

negras e periféricas. A força e a potência que mulheres negras e homens negros herdaram de sua ancestralidade permitem que nossas identidades hifenizadas sejam re-inventadas e re-significadas a cada dia. Então, para os corpos negros literariamente construídos por quem se diz hegemônico, há os corpos negros insurgentes nos símbolos gráficos com os quais a *escrevivência* orchestra com maestria política e poética o registro da re-existência, incomodando sonos injustos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTO, Paulina L. *Descolonização*: Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo, 1964-1985. Termos de Inclusão – Intelectuais negros brasileiros no século XX. Campinas: Unicamp, 2017. p. 336-97

ARAÚJO, Joel Zito. *A negação do Brasil*: O negro na telenovela brasileira. São Paulo: Senac, 2000. p. 19-102

AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Glax, 1995.

BERND, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

CARNEIRO, Sueli. Gênero e raça na sociedade brasileira. In: _____. *Escritos de uma vida*. São Paulo: Jandaíra, 2020. p. 150-84.

CAZES, Leonardo. *Conceição Evaristo*: a literatura como arte da escrevivência. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/conceicao-evaristo-literatura-como-arte-da-escrevivencia-19682928>. Acesso em: maio/2020.

CUTI, L. S. *Literatura negro-brasileira*. Disponível em: <https://www.gruposummus.com.br/indice/40047.pdf>. Acesso em: 24 Jan 2019.

EVARISTO, Conceição. A Escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs). *Escrevivência*: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1 ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46.

_____. Ana Davenga. In: _____. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2016. p. 21-30

_____. *Gênero e etnia*: uma escre(vivência) de dupla face. 2005. Disponível em: [gc3aanero-e-etnia-conceic3a7c3a3o-evaristo.pdf](https://www.wordpress.com/gc3aanero-e-etnia-conceic3a7c3a3o-evaristo.pdf) (wordpress.com). Acesso em: maio 2021.

FERNANDES, Viviane Barbosa; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de Souza. Identidade negra entre exclusão e liberdade. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Ano 2016, n. 63, p. 104-20.

LIS, Ludmilla. Fortuna Crítica. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs). *Escrevivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. 1 ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 268-69

NOA, Francisco. As Falas das vozes desocultas: a literatura como restituição. In: GALVES, Charlotte *et al.* (Orgs). *África-Brasil: caminhos da língua portuguesa*. São Paulo: Unicamp, 2009. p. 84-99

NUNES, Isabella Rosado. Sobre o que nos move. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs). *Escrevivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 10-24.

ORTIZ, Renato. Da raça à cultura: a mestiçagem e o nacional. In: *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2003. p. 37-44.

PADIN, Guilherme. *Conceição Evaristo: A Questão racial não é pro negro resolver*. Disponível em: *Conceição Evaristo: “A questão racial não é para o negro resolver” – Notícias – R7 São Paulo*. Acesso em: 24 Jan 2021.

PINTO, Márcia Cristina Costa; FERREIRA, Ricardo Franklin. Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais – PPP*, p. 257-66, São João del-Rei, 2014.